



# CLAUDIO GOULART

**QUANDO  
O HORIZONTE  
É TÃO VASTO**

## **Claudio Goulart: Quando a poética é tão vasta**

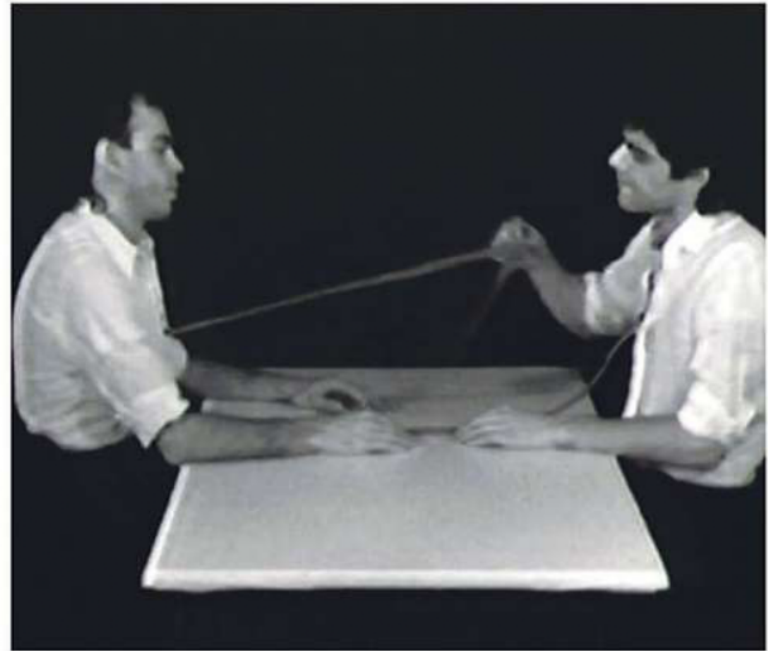
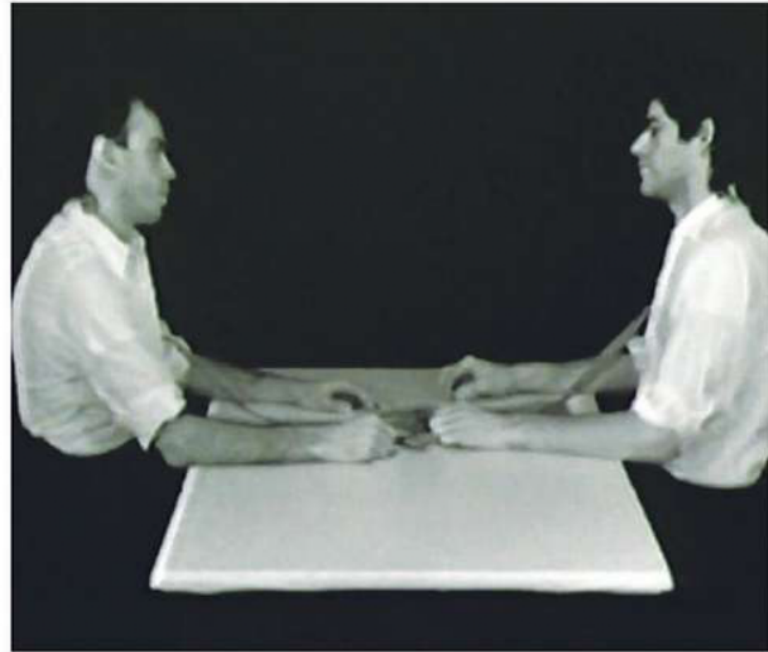
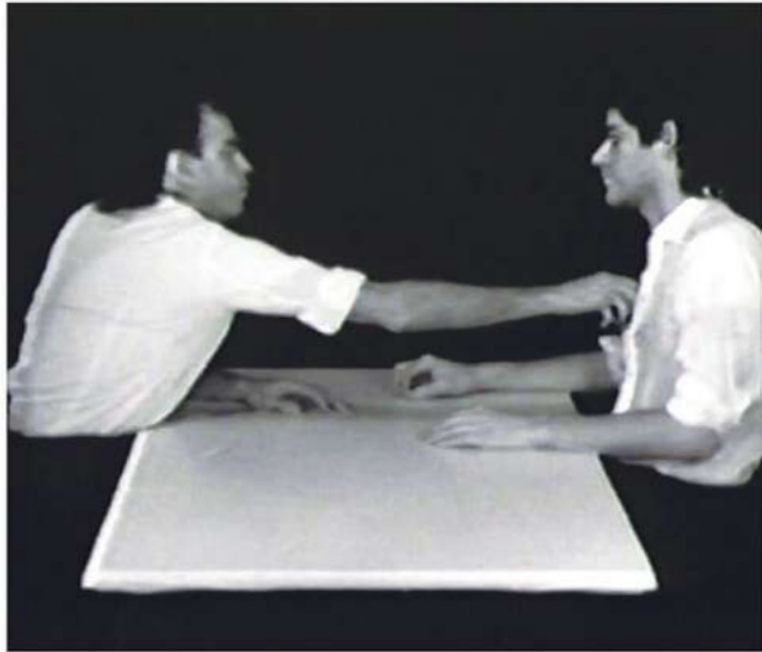
O Programa Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos disponibiliza aos professores o material educativo *Quando a poética é tão vasta*, em diálogo com a exposição individual *Quando o horizonte é tão vasto*, de Claudio Goulart, em cartaz no primeiro semestre de 2019 na Sala dos Pomares, com a curadoria de Fernanda Soares da Rosa.

Artista brasileiro, radicado em Amsterdã desde meados da década de 1970, Goulart desenvolveu a maior parte de sua obra na Europa, transitando pelas mais variadas técnicas e linguagens artísticas, como a colagem, a fotografia, o vídeo e a arte postal; utilizando processos complexos de apropriação, que passaram por imagens históricas, pela mídia de massa e pelo cinema. Além disso, há um evidente componente político e social que povoa a obra do artista com temas caros à sociedade ocidental do final do século XX: a incomunicabilidade humana, as guerras, a luta pelo poder, o desenraizamento geográfico e a alienação política das massas.

Selecionamos algumas obras que apresentam esses temas aos professores, construindo um possível contato com a proliferação de imagens que elas podem suscitar em um observador que seja íntimo dos acontecimentos sociais e culturais do final do século XX, fatos que não deixaram de reverberar no início de século XXI. A escolha recaiu sobre algumas imagens relacionadas com poemas livres e com um haicai, compostos por poetas brasileiros e estrangeiros. Pensamos que essas obras são passíveis de uma generosa analogia com a obra de Claudio Goulart, cuja poética pode nos levar à suavidade da poesia em um mundo que insiste em escondê-la. Essa conjunção realidade/poesia convive em sua poética, perpassando grande parte de sua obra artística. Ela estaria justificada em uma essência vital: a necessidade da arte para o ser humano, como uma chave de leitura de um mundo mergulhado em uma infundável disputa por poder e por hegemonia. Claudio Goulart remonta, em suas obras, esse (nosso) mundo, intercalando arte e poesia, nunca se eximindo de denunciá-lo em suas injustiças e brutalidades. Fenômenos que interessam sobremaneira ao professor, tendo em vista os acontecimentos do presente século.

Neste material, o professor poderá contar com sugestões de músicas, de obras literárias, de filmes e de vídeos como fundamentação às atividades propostas, ou, se preferir, como simples inspiração para os seus trabalhos em sala de aula. Quando a poética é tão vasta, os horizontes também tornam-se, mesmo que enfrentemos contextos sociais e políticos que nos pareçam estreitos e obtusos.

Que tenhamos um ano de 2019 repleto de horizontes plenos, é o desejo da equipe da Fundação Vera Chaves Barcellos aos professores e aos estudantes.



Claudio Goulart  
**Dialogs**, 1980  
Video

# 1) Dialogs, 1980

Palavras-chave: comunicação – metáfora – tempo

Em *Dialogs* (1980), vídeo que tem origem em uma performance realizada na galeria *Bedaux* em Amsterdã (1978), os artistas Claudio Goulart e Flavio Pons apresentam dois aspectos dos mais caros à existência humana: a incomunicabilidade e a passagem do tempo. Os artistas utilizam uma fita de tecido como metáfora do conteúdo de suas falas, aquilo que vai e vem, que é assimilado ou não, devolvido ao bel prazer dos dois interlocutores, expressando, nessa troca, diversas potências comunicacionais possíveis entre duas pessoas. Durante a performance, colocam vendas em seus olhos: o olhar sobre o outro, enquanto o aceitar o outro, e o não olhar, como o desprezar aquilo que o outro exprime. Falar e ser escutado – e não apenas ouvido – e escutar quando o outro fala são dois pressupostos essenciais ao sucesso da comunicação humana. Contudo, outros fatores podem interferir nesses *diálogos humanos*, tendo em vista que, no decorrer de uma situação comunicacional, a conversa interior de cada um dos participantes não cessa, o que pode interferir de forma dialética e construtiva na expressão das falas. O contrário também pode ocorrer, ao surgirem ruídos e inferências internas ou externas ao diálogo, há um corte no fluxo da linguagem, algo que poderá ser perene ou provisório. A obra *Dialogs* oferece ao espectador uma possível reflexão sobre as próprias vivências comunicacionais e sobre a função das pausas e das interrupções sobre dois interlocutores. A pausa pode agir como um embreante, catapultando a um patamar mais elevado o próprio diálogo. O inverso também pode acontecer, com a pausa, sendo utilizada por um dos integrantes da conversa, como parte constitutiva do próprio discurso que está em disputa, um dispositivo que tem como objetivo causar um efeito de negação sobre o que ali foi dito. Como lembra Robert Musil (1880-1942) em seu livro *Uniões*, há um perigo escondido nessas pausas: "memorizamos uma linha que produz um nexos qualquer, para com isso ter sustentação, e assim nos apoiamos em nós mesmos, erguidos entre estacas mudas das coisas, eis a vida; algo que se parece com um falar incessante, fingindo que cada palavra tem a ver com a anterior, exigindo a seguinte, pois tememos que, no momento em que o silêncio as romper, a quietude há de dissolver-nos em alguma vertigem inconcebível"<sup>1</sup>. Um silêncio que desaprova o falar do interlocutor, um abortar da troca que já não pode ser concretizada, o ocaso da comunicação.

**Um encontro inesperado**, de Wislawa Szymborska

Nos tratamos com muita cortesia,  
dizemos que é ótimo nos encontrarmos depois de anos.  
Nossos tigres bebem leite.  
Nossos falcões andam a pé.  
Nossos tubarões se afogam n'água.  
Nossos lobos bocejam junto a jaula aberta.  
Nossas víboras livraram-se dos relâmpagos,  
Os macacos da inspiração, os pavões das penas.  
Os morcegos já há muito voaram dos nossos cabelos.  
Silenciamos no meio da frase,  
Impotentes, sorridentes.  
Nossa gente  
Não sabe se falar.

## Proposta de atividade

No nº 40 do álbum de figurinhas da instalação *Los Juguetes*, vemos a imagem de uma caixa com trinta rolos de fitas de cetim de diversas cores. Fitas são uma constante em diversas obras do artista, tal como na performance *Dialogs*, realizada em conjunto com Flavio Pons. Uma das características metodológicas do Claudio é apropriar-se de imagens e de objetos, resignificando ou usando signos e símbolos em diferentes contextos. Proponha aos alunos que elaborem performances em dupla, em grupo ou de forma individual utilizando as fitas coloridas. Deverão organizar as apresentações para a turma; após, selecionar as melhores e editá-las em um vídeo como produto final do exercício.

**Obra relacionada:** *Between You and me*, 1979.

**Ver na História da Arte:** Arte Performática.

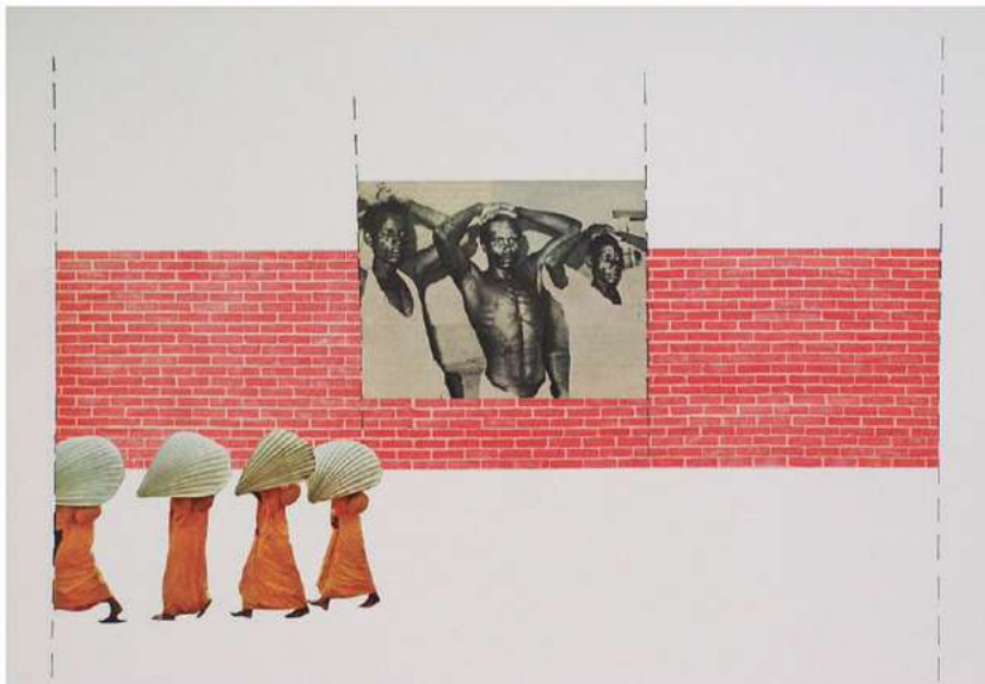
**Filme indicado para o professor:** Trilogia da incomunicabilidade: *A Aventura*, Itália, 1960; *A Noite*, Itália, 1961; *O Eclipse*, Itália, 1962, de Michelangelo Antonioni.

**Livro indicado para o professor:** MUSIL, Robert. *Uniões*. São Paulo: Perspectiva, 2018.

**Livro indicado para o aluno:** *O Livro das Mil e Uma Noites. Ramo Sírio*. Volume 1. São Paulo: Globo Livros, 2017.

**Música:** *Atrás da porta*, de Chico Buarque e Francis Hime, do álbum *Elis*, 1972.

<sup>1</sup> MUSIL, Robert. *Uniões*. São Paulo: Perspectiva, 2018, p. 74.



Claudio Goulart  
Da série **Scenography**, 1977  
Colagem e desenho sobre papel

## 2) Scenography, 1977

Palavras-chave: fronteiras – alteridade – colagem

Claudio Goulart produz, ao final dos anos 1970, a série *Scenography* (1977), utilizando colagens de figuras da arte, de dança e de circo, bem como a referência a um personagem importante do cinema daquela década: o cineasta italiano Pier Paolo Pasolini (1922-1975). Utiliza também a reprodução de pinturas, como a tela *Les Glaneuses* (1857), de Jean-François Millet (1814-1875), que aparece em diversos cenários, sempre com a representação de um muro vermelho de tijolos. Ao relacionarmos o título da série com a recorrência deste motivo, o muro, referência principal por onde transitam os diversos personagens das lâminas da série, aparece o conceito de montagem, tão caro aos primórdios do cinema e desenvolvido, principalmente, por Sergei Eisenstein (1898-1948). No livro *Notas para uma história geral do cinema*<sup>2</sup>, o cineasta russo lembra-nos da capacidade do cinema em *religar* fatos e personagens da história que estão separados pelo tempo. Também é possível desenvolver uma analogia dessa série de Claudio Goulart com um dos temas e conceitos discutidos na contemporaneidade no âmbito da geopolítica internacional: as fronteiras e as suas consequências sociais e políticas, tais como, a migração, as diásporas contemporâneas e a xenofobia. O século XX foi pródigo em conflitos étnicos e políticos, que resultaram no reestabelecimento de fronteiras entre povos, e na consequente construção de extensos muros sobre as linhas que separavam esses países. Os exemplos mais conhecidos são o Muro de Berlim, derrubado em 1989, as construções que separam os colonos judeus do povo palestino na Faixa de Gaza, tendo como resultado um enorme gueto a céu aberto, e, por último, os grandes esforços de extrema vigilância colocados em prática pelos EUA na fronteira com o México, um processo que vem sendo intensificado pelo atual governo estadunidense. Em uma das lâminas selecionadas para a exposição da série, três trabalhadores carregam manequins desmembrados e desfigurados, arremessando-os para o *outro lado*, o muro coloca o olhar do espectador, como na quarta parede do teatro, causando um efeito de contenção do olhar: a impossibilidade do contato humano. Podemos imaginar o que há por trás do muro, como são as pessoas que vivem ali nesse *perto-distante*, seus hábitos e seus costumes, contudo, o mútuo desconhecimento permanece. Paradoxalmente, o estrangeiro está há poucos metros de nós e, ao mesmo tempo, distante. O outro como o diferente; o muro como a materialização violenta da cisão e da segregação que o ser humano pode infligir sobre o seu semelhante. Deste lado de cá, sem o conhecer, julgamos o estrangeiro e, do lado de lá, por ele somos julgados. Cenografias da desconfiança e do medo que acompanham a história das civilizações.

**País**, de Nelson Herrera Ysla

Estás me doendo, país,  
como uma maldita úlcera.  
E se port i choro  
é para não sonhar com um paraíso  
que nunca esteve perdido  
porque jamais existiu.  
Por isso te odeio  
com todo o amor que tenho por ti,  
segundo a velha canção.  
Já irá passar um dia, país,  
e como bons apaixonados,  
nada haverá que lamentar.

### Proposta de atividade

Para esta atividade, juntamente com os professores, os alunos escolherão um muro da escola, solicitando o seu uso à direção da instituição, com o objetivo de desenvolver o projeto que poderá ter uma duração de um ou dois semestres do ano em curso. Na primeira etapa, a turma deverá discutir o tema das fronteiras e da diversidade cultural, os imigrantes, as diferenças e os conflitos sociais como temas transversais. Na próxima etapa deverão reunir os materiais para a confecção de pinturas no muro, inspiradas nos temas e nas imagens constantes nas 12 lâminas da série *Scenography*, de 1977, de Claudio Goulart. Sugerimos que as pinturas sejam problematizadoras, abordando questões do cotidiano de cada comunidade, praticando as diversas técnicas de pintura e dando ênfase ao grafite e ao estêncil, esta última, técnica praticada pelo artista no seu projeto de intervenção urbana, *O. A. N. I. / Objeto Anônimo Não Identificado* (1979).

**Obra relacionada na exposição:** *Série Monuments*, 1980.

**Ver na História da Arte:** História do Cinema.

**Filme indicado para o professor:** *A Vida dos Outros*, de Florian Henckel Von Donnersmark, Alemanha, 2006. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yAimyCLfdp8>

**Livro indicado para o professor:** WASHINGTON, Cláudia. *Trânsito à Margem do Lago*. Caderno de Viagem. Curitiba: Edição do autor/FUNARTE, 2010. Livro disponível em: <http://margemdolago.transitos.org/>

**Livro indicado para o aluno:** AGUIAR, Vera. ASSUNÇÃO, Simone. JACOBY, Sissa. *Poesia fora da estante*. Volume 2. Porto Alegre: Editora Projeto, 2003.

**Música:** *Diáspora*, dos Tribalistas, do álbum *Tribalistas*, 2017.

<sup>2</sup> EISENSTEIN, S. *Notas para uma história geral do cinema*. Rio de Janeiro: Azougue, 2014.



Claudio Goulart  
**Excerpts from/ Fragments of a Landscape, 1986**  
Projeto Almelo  
Instalação em fotocópia/ Fotografias

# 3) Excerpts from/ Fragments of a Landscape, 1986

Palavras-chave: fotografia – perspectiva – imagens dialéticas

“Os lugares que conhecemos não pertencem tampouco ao mundo do espaço, onde os situamos para maior facilidade. Não eram mais que uma delgada fatia do meio de impressões contíguas que formavam nossa vida de então; a recordação de certa imagem não é senão saudade de certo instante; e as casas, os caminhos, as avenidas são fugitivos infelizmente, como os anos”<sup>3</sup>. Marcel Proust (1871-1922), assim, finaliza *No Caminho de Swann*, primeiro volume de *Em Busca do Tempo Perdido*, obra canônica da literatura do século XX. Nesse romance, o escritor francês estabelece relações entre as imagens do espaço concreto e àquelas que resurgem à tona em nossa memória sem que a convoquemos. O tempo é tratado como um catalisador de alguns instantes importantes da vida do personagem, que modificará a percepção que ele possui de paisagens da infância, de viagens sentimentais, ou, até mesmo, de gostos e de sensações enterradas em priscas eras. Claudio Goulart realiza um trabalho de registro dos caminhos entre Amsterdã e Almelo, na Holanda. As fotografias em P&B fazem parte de um estudo realizado por ocasião de uma seleção em um edital público. Fragmentos dessas fotos, posteriormente ampliadas e fotocopiadas, foram dispostas sobre as paredes de um hospital em Almelo. São registros de paisagens, caminhos de estradas e ferrovias permeadas por árvores e bosques, uma casa de madeira abandonada. Alguns desses registros foram ampliados e fotocopiados pelo artista, deixando uns sem foco e outros, com uma acentuação proposital da incidência de luz sobre um determinado ponto da imagem. Partindo de Proust, nós podemos aproximarmo-nos à obra de Goulart, utilizando a ideia de *imagem dialética*, imaginada por Walter Benjamin. O escritor alemão afirma que a imagem dialética é uma imagem que *lampeja*. Pensamos, a partir dessa afirmação, que o apreender da imagem por parte do espectador deverá ter o seu sucesso naquilo que poderíamos nomear como uma *pulsção* ou uma *vibração* dos contrastes dessa mesma imagem. Esse momento privilegiado de cognição seria fugaz como um lampejo e logo invadido pela fluidez inexorável do tempo, jogando o espectador novamente em sua condição anterior à experiência que tivera com a imagem dialética. Ao apreciarmos a obra *Excerpts from / Fragments of a Landscape* (1986), de Claudio Goulart, percebemos o quanto as obras de arte proporcionam um prazeroso e desejável desacomodar da retina, levando o ser humano a perceber os detalhes e os lampejos, mesmo que eles estejam em paisagens prosaicas e cotidianas. Como se a as obras de arte insistissem em nos revelar os múltiplos estalos das imagens do mundo.

**Sintonia para pressa e presságio**, de Paulo Leminski

Escrevia no espaço,  
hoje, grafo no tempo, na pele, na palma, na pétala,  
luz do momento.  
São na dúvida que separa o silêncio de quem grita  
do escândalo que cala,  
no tempo, distância, praça,  
que a pausa, asa, leva  
para ir do percalço ao espasmo.  
Eis a voz, eis o deus, eis a fala,  
Eis que a luz se acendeu na casa  
E não cabe mais na sala.

## Proposta de atividade

Solicite aos estudantes o download de aplicativos que são utilizados na manipulação de imagens. Os alunos deverão registrar, por meio de seus celulares, os caminhos, as veredas e as ruas em que estão acostumados a transitar no percurso diário à escola. Perspectiva, profundidade e composição são possíveis atributos das imagens em que os alunos poderão organizar o olhar na criação de suas fotografias. Por último, por meio dos aplicativos, deverão realizar manipulações nas imagens, objetivando possíveis efeitos epifânicos de estranhamento, de deslocamento e de alteração na percepção dos caminhos cotidianos. Após, organizar as apresentações dos trabalhos realizados pelos alunos ao grande grupo.

**Obra relacionada na exposição:** *Brazilian Watercolor*, 1986.

**Ver na História da Arte:** História da Fotografia.

**Filme indicado para o professor:** *Nostalghia*, de Andrei Tarkowsky, União Soviética/Itália, 1983. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oHeU5voLr3Q>

**Livro indicado para o professor:** WALSER, Robert. *O Ajudante*. São Paulo: Arx, 2003.

**Livro indicado para o aluno:** LAGARTA, Marta. *A menina que ia para longe*. Porto Alegre: Editora Projeto, 2009.

**Música:** *Oração ao tempo*, de Caetano Veloso, do álbum *Cinema Transcendental*, 1979.

<sup>3</sup> PROUST, M. *No Caminho de Swann*. Trad. Mário Quintana. São Paulo: Editora Globo, 1991, p. 409.



Claudio Goulart  
**FOTO GRAFIA**, 1983  
Fotografias P&B

# 4) FOTO GRAFIA, 1983

Palavras-chave: deriva – paisagem – olhar

*FOTO GRAFIA* (1983) é composta, para a exposição, por 9 imagens selecionadas de uma série maior, com diferentes formas de apresentação. Capturadas por Claudio Goulart em Tóquio, Japão, tem início com o curioso monumento em homenagem a Tokugawa Ieyasu (1543-1616), importante figura histórica, sendo ele o primeiro xogum do Xogunato Tokugawa, o responsável pela unificação do país. Na frase esculpida na pedra, em tradução livre, está escrito: "Óculos que pertenceram a Tokugawa Ieyasu". O artista irá registrar fragmentos de paisagens de Tóquio, onde, no exercício do olhar, ele enxerga grafias ou desenhos nos segmentos de imagens capturadas pelo seu olhar sensível: juncos no lago viram linhas, o quadriculado da janela organiza a visão, o telhado vira textura, o prédio refletido n'água embaralha a nossa percepção. No processo de criação dessa obra, é de suma importância o ato de caminhar, talvez seja uma forma de permanecer à deriva na cidade, uma maneira de aguçar as percepções do entorno. O poeta francês Charles Baudelaire (1821 -1867) e o seu *Flâneur*, o filósofo Walter Benjamin (1892-1940) e a sua astuta exploração das *Passagens* da capital francesa e, posteriormente, o filósofo Guy Debord (1931-1994) e a sua *teoria da deriva*, irão explorar as potencialidades artísticas, literárias e, até mesmo, arquitetônicas do ato de caminhar ou de perambular pelas cidades. O artista utiliza-se desse modo de operar com o espaço e com as imagens de uma cidade estrangeira para realizar a obra. Claudio Goulart cria *FOTO GRAFIA* no seu primeiro contato com o Japão e com a sua cultura milenar que prima pela simplicidade, pela síntese e pelo rigor estético, tal qual um haikai.

**Matsuo Bashô**, de Haikai

*Este caminho!  
sem ninguém nele*

## Proposta de atividade

Discuta com os estudantes o significado do título desta série e, especificamente, o conceito da palavra *grafia*. Peça a eles que listem e que pesquisem, em sites educacionais e em dicionários, os significados das palavras-chave encontradas neste material educativo. Em um segundo momento, os alunos irão elaborar um glossário, criando imagens para cada um dos verbetes.

**Obra relacionada:** *Excerpts from /Fragments of a Landscape*, 1986.

**Ver na História da Arte:** Teoria da Deriva.

**Filme indicado para o professor:** *Sonhos*, do diretor Akira Kurosawa, Japão/EUA, 1990. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XZzm7THZTMo>

**Livro indicado para o professor:** BERNHARD, Thomas. *Andar*. Santos: Editora Brasileira de Arte e Cultura, 2017.

**Livro indicado para o aluno:** HIRATSUKA, Lúcia. *Histórias de Mukashi. Contos populares do Japão*. São Paulo: Editora Elementar, 2007. Indicado para anos iniciais.

**Música:** *Water Walk*, de John Cage, 1960. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SSulycqZH-U>



11



16



25



30



35



44



8



37



45



77



86



92



7



11



20



29



40



51

Claudio Goulart  
**Los Juguetes**, 1997  
Instalação

# 5) Los Juguetes, 1997

Palavras-chave: memória – apropriação – jogo

*Los Juguetes* (1997) é uma das produções mais emblemáticas da trajetória de Claudio Goulart. Segundo o artista, a obra foi concebida como uma contribuição ao tema da VI Bienal de Havana: *O indivíduo e suas memórias* (1997). Uma produção complexa, constituída por uma série de instalações em locais históricos: Centro de Arte Contemporânea Wifredo Lam, Castillo del Morro, Fortaleza de La Cabaña, Cine Yara, Fototeca de Cuba, Museu de La Casona, Casa Simon Bolivar, Centro de Desarro de las Artes Visuales e nas ruas de Havana. Claudio Goulart propôs aos visitantes e espectadores, algumas ações, como o álbum de figurinhas para recortar e completar, enviando uma solicitação ao artista em Amsterdã, das figurinhas 90 e 91, contendo imagens da própria instalação. A obra aborda conflitos identitários e temas importantes para Goulart, como as diferentes versões da história – aqui, faz sentido a venda preta ou colorida sobre os seus olhos –, as imagens de guerra, o colonialismo ocidental, o dinheiro, as manipulações da mídia, os mitos criados pelo cinema, a situação social dos povos oprimidos. A obra, exibida na Sala dos Pomares, é um recorte da instalação apresentada em Havana, formada por autorretratos do artista com os olhos vendados por fitas coloridas, imagens apropriadas e diversos símbolos desenhados em giz branco sobre o peito. Claudio Goulart apresentaria na obra a memória que lhe foi dada, por meio de objetos e de fatos históricos caros às antigas colônias europeias, entre elas, o próprio Brasil. A memória individual de acontecimentos históricos nunca seria um registro extritamente particular, ela é sempre compartilhada e, nesse movimento, torna-se porosa a versões e a interpretações díspares que disputam o status de verdade, mesmo que seja uma verdade provisória. Em *Los Juguetes*, o ser humano, ao colocar e ao retirar a venda de seu olhos (pois, em algum momento ela será removida), determinará a cadência dialética do próprio jogo histórico, ou seja, mais que o próprio fato e seus signos, seria o *olhar / deixar de olhar* que definiria a História.

**A rosa de Hiroxima**, de Vinicius de Moraes

Pensem nas crianças  
Mudas telepáticas  
Pensem nas meninas  
Cegas inexatas  
Pensem nas mulheres  
Rotas alteradas  
Pensem nas feridas  
Como rosas cálidas  
Mas oh não se esqueçam  
Da rosa da rosa  
Da rosa de Hiroxima  
A rosa hereditária  
A rosa radioativa  
Estúpida e inválida  
A rosa com cirrose  
A anti-rosa atômica  
Sem cor sem perfume  
Sem rosa sem nada.

## Proposta de atividade

Divida a turma em quatro grupos para a confecção do “álbum de figurinhas” da escola, que deverá ficar incompleto. Cada álbum deverá ter figurinhas para recortar e colar sobre um tema ou sobre um assunto que identifique a escola, o bairro, a comunidade e os alunos. Poderão usar todos os recursos e técnicas que estiverem ao alcance da turma. Em uma segunda etapa, os grupos trocarão os álbuns entre si para, então, completá-los, discutindo o resultado da atividade.

**Obra relacionada:** *Birds of Paradise with strange fruit*, 1997.

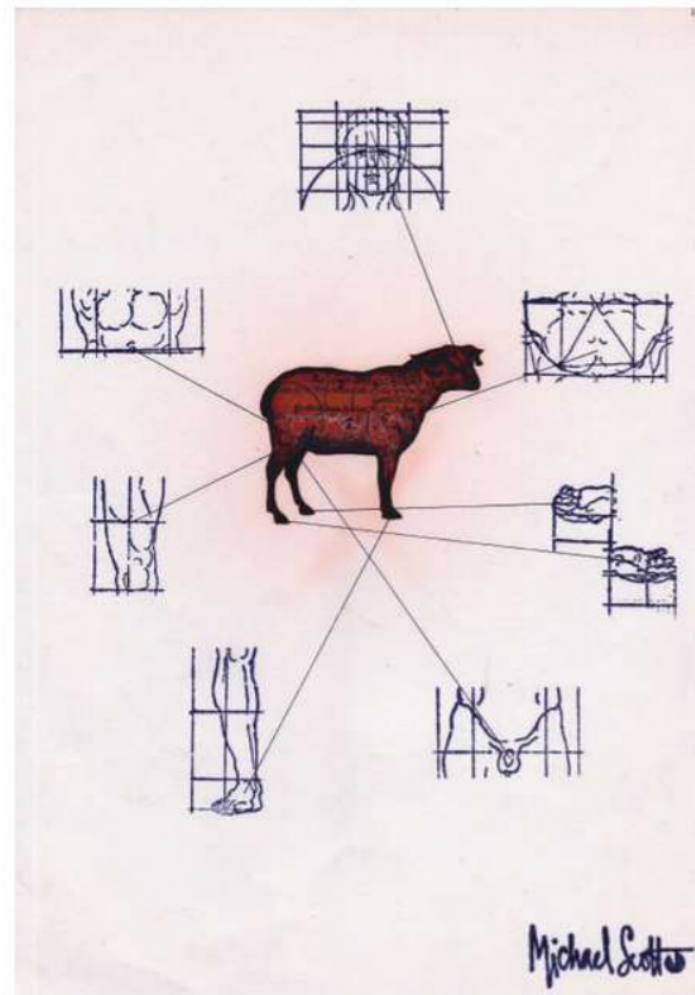
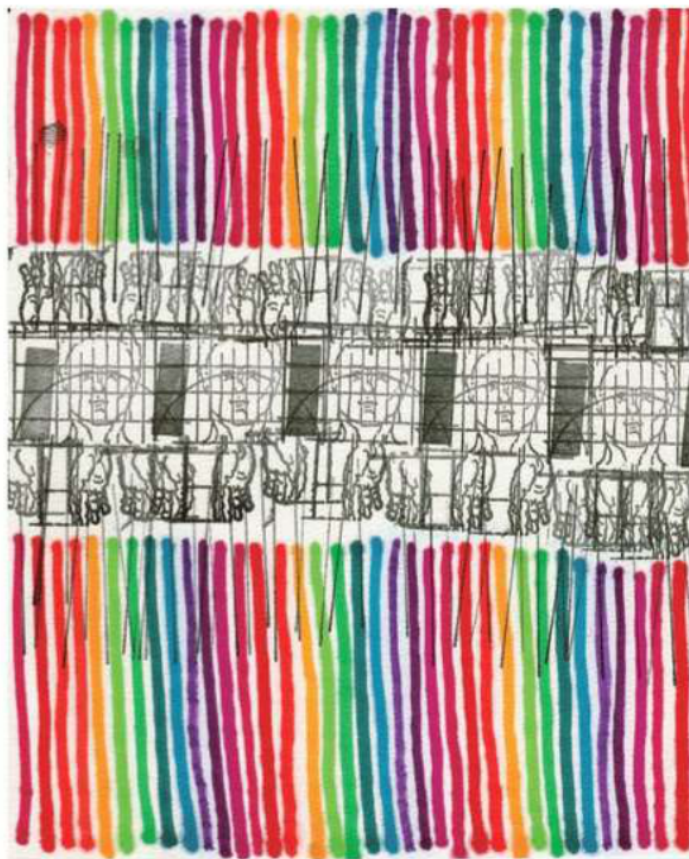
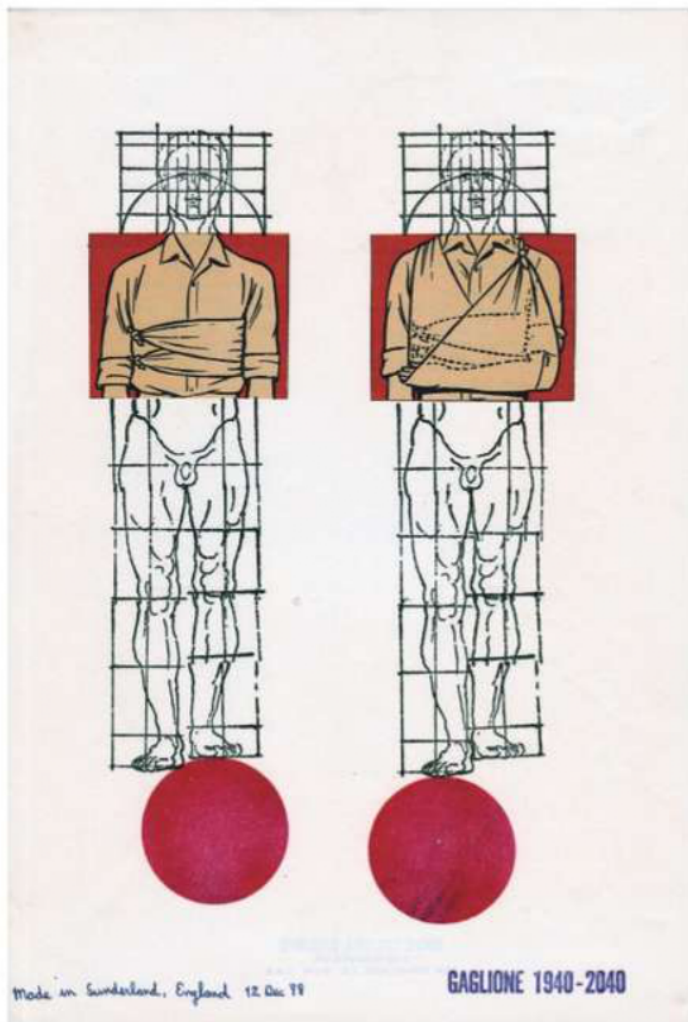
**Ver na História da Arte:** Sociologia da Arte.

**Filme indicado para o professor:** *Memórias do subdesenvolvimento*, de Tomás Gutiérrez Alea, Cuba, 1968. Disponível em: <http://cinemasaletequila.blogspot.com/2017/01/memorias-do-subdesenvolvimento.html>

**Livro indicado para o professor:** SABATO, Ernesto. *Sobre Heróis e Tumbas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

**Livro indicado para o aluno:** CARRARO, Fernando. *Em busca da paz*. São Paulo: Editora Elementar, 2005.

**Música:** *A Paz*, de Gilberto Gil e João Donato, do álbum *Unplugged*, 1994.



Claudio Goulart  
**Pieces of myself**, 1979  
Projeto de arte postal –  
Carimbo, colagem e desenho sobre papel

# 6) Pieces of myself, 1979

Palavras-chave: homem vitruviano – arte postal – antropometria

*Pieces of myself* (1979) é o nome de um projeto de arte postal. O artista desenhou uma caixa compondo um jogo de 23 carimbos, usando um estudo de proporções humanas de Albrecht Dürer (1471-1528), apresentando uma figura masculina de acordo com o canône ocidental, assim como o homem vitruviano desenhado por Leonardo da Vinci (1452-1519) e acrescentando outras formas geométricas. Essa caixa foi reproduzida e enviada a uma pessoa que deveria usá-la e reenvia-lá a outra pessoa, e assim sucessivamente. Cada participante deveria remeter ao artista, algum material resultante do uso que fizesse da caixa. O processo desenvolveu-se durante quatro meses, tendo a caixa viajado de Amsterdã a diversos países, tais como a Inglaterra, a Alemanha, a Itália e os Estados Unidos. A escolha de um desenho facilmente reconhecível, como no caso de Dürer, o tempo determinado e o caráter não seletivo, característico de atividades culturais não oficiais, o uso do correio, um meio de comunicação bastante independente e a realização de uma documentação em forma de exposição no circuito oficial de informação foram os critérios determinantes no trabalho. A exposição foi realizada na *Galeria Stempelpplaats*, em Amsterdã, de 31 de março a 27 de abril de 1979. Esse projeto também foi realizado em Porto Alegre, no *Espaço N.O.*, na Galeria Chaves, na sala 31, no centro da cidade. O artista expôs a documentação de intervenção em Porto Alegre, *O.A.N.I. / Objeto Anônimo Não Identificado* (1979), e ofereceu um *workshop* com carimbos, arte postal, xerox e livros de artista. Claudio Goulart, nessa obra, compartilha, de forma generosa e sensível, a multiplicidade de olhares sobre o próprio conceito de *humano*, que se forma em um vai e vem das partes, construindo inúmeros *todos* em um processo dialético por excelência.

**Quando eu morrer quero ficar**, de Mário de Andrade

Quando eu morrer quero ficar,  
Não contem aos meus inimigos,  
Sepultado na minha cidade,  
Saudade.  
Meus pés enterrem na Rua Aurora,  
No Paçandu deixem meu sexo,  
Na Lopes Chaves a cabeça  
Esqueçam.  
No Pátio do Colégio afundem  
O meu coração paulistano:  
Um coração vivo e um defunto  
Bem juntos.  
Escondam no Correio o ouvido  
Direito, o esquerdo nos Telégrafos,  
Quero saber de vida alheia,  
Sereia.  
O nariz guardem nos rosais,  
A língua no alto do Ipiranga  
Para cantar a liberdade.  
Saudade...  
Os olhos lá no Jaraguá  
Assistirão no que há-de-vir,  
O joelho na Universidade  
Saudade...  
As mãos atirem por aí,  
Que desvivam como viveram,  
As tripas atirem pro Diabo,  
Que o espírito será de Deus.  
Adeus.

## Proposta de atividade

Proponha aos alunos fazer um projeto de carimbo de identificação, pode ser um desenho, uma palavra ou uma imagem apropriada. Após, realizar uma composição para ser enviada a um colega de outra escola, que irá acrescentar os seus próprios carimbos e encaminhar a um terceiro colega de outra escola. As trocas deverão acontecer em três datas para o trabalho de intercâmbio para ser finalizado e apresentado no último encontro de professores do Curso de Formação Continuada em Artes da FVCB. O material final deverá retornar ao primeiro aluno no próximo semestre, onde haverá um encontro de trocas e reflexões sobre o Projeto Arte Correio na Escola.

**Obra relacionada:** *L'Air d'*, 1980.

**Ver na História da Arte:** Arte Postal.

**Filme indicado para o professor:** *Brasil Visual: Arte Correio Documentário*. Rosa Melo e Anne Azevedo, 2016.

Link: <http://www.brasilvisual.art.br/portfolio/artecorreio>

**Livro indicado para o professor:** INOUE, Yasushi. *O fuzil de caça*. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.

**Livro indicado para o aluno:** NETO, Egídio. *Vitrúvio para as crianças: A matemática faz parte da arte*. São Paulo: Editora Uirapuru, 2010.

**Música:** *Apostrophe*, de Pierre Schaeffer e Pierre Henry do álbum *Sinfonia para um homem só*, 1950.

# Atividade para o dia de visita à Sala dos Pomares

Após a visita da exposição *Claudio Goulart | Quando o horizonte é tão vasto*, sugerimos aos professores e aos estudantes que listem palavras relacionadas aos conceitos discutidos nas obras de Claudio Goulart. A seguir, algumas sugestões para pesquisa e elaboração de um glossário.

Apropriação objectual – Arquivo – Arte Performática – Arte Política – Carimbo – Dialética –  
Grupo Fluxus – Haicai – Kanaal Zero – Poética – Poesia – Poiesis - Videoarte – Videoperformance – Sintaxe

## Referências

- ANDRADE, Mário de. *Poesias Completas*. São Paulo: EDUSP, 1987.
- BARCELLOS, Vera Chaves; CARVALHO, Ana Maria Albani; ROSA, Fernanda Soares. *Claudio Goulart: some pieces of myself*. Porto Alegre: Fundação Vera Chaves Barcellos, 2017.
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- CABRAL, Charlene. *Why are you doing mail art? Dois momentos da arte postal (1979/2016) e alguns projetos da rede eternal*. Monografia (Bacharelado em História da Arte) Departamento de História da Arte, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- EINSENSTEIN, Sergei. *Notas para uma história geral do cinema*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2014.
- ISLA, Herrera Nelson. *Pájaros de Pólvora*. Havana: Ediciones Unión, 1998.
- LEMINSKI, Paulo. *La Vie en Close*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- MORAIS, Vinicius de. *Livro das Letras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- PROUST, Marcel. *No Caminho de Swann*. São Paulo: Editora Globo, 1991.
- ROSA, Fernanda Soares da. *Claudio Goulart: o arquivo como memória*. Dissertação (Mestrado) PPGAV-UFRGS, Instituto de Artes, Porto Alegre, 2018.
- SZYMBORSKA, Wislawa. *Um amor feliz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

## Ficha técnica

Material educativo | Quando a poética é tão vasta

**Conteúdo** Margarita Kremer e Yuri Flores Machado

**Revisão de conteúdo** Fernanda Soares da Rosa e Fernanda Porto Campos

**Revisão do português** Laís Webber

**Produção e Design** Thaís Franco

**Fotografias** Acervo FVCB